

POR QUE É IMPORTANTE OLHAR PARA A LITERATURA EM UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA?

WHY IT IS IMPORTANT TO LOOK FOR IN LITERATURE REVIEW PSYCHOTHERAPY?

¹OLIVEIRA, D. D.; ²CORREA, M. R.

¹ Danila Duarte de Oliveira – aluna do curso de graduação em Psicologia das FIO.

² Mariele Rodrigues Correa – Professora Mestre em Psicologia pela UNESP-ASSIS/SP.

Este trabalho pretende através de uma revisão bibliográfica, fazer uma interlocução entre a psicanálise e a literatura, tendo como base à obra de Sigmund Freud de 1907, onde ele descreve o conto da Gradiva de Jensen com intenção de registrar suas considerações teóricas sob a importância de analisar um conto literário e assim examinar os personagens como se fossem casos clínicos. Essa temática tem sido foco de grandes discussões na contemporaneidade e um dos pontos desenvolvidos em pesquisa. Dessa forma apresentamos uma breve explicação do que seria uma análise com base em um conto literário e sua importância para a clínica.

Palavras - Chaves: Psicanálise; literatura; Gradiva de Jenses.

This study sought through a literature review, make a dialogue between psychoanalysis and literature, based on the work of Sigmund Freud, 1907, where he describes the story of Jensen's Gradiva intending to register their theoretical considerations on the importance of analyzing a short story and the characters that look as if they were clinical cases. This theme has been the focus of much debate in contemporary and one of the points developed in research. Thus a brief explanation of what would be an analysis based on a short story and its importance to the clinic.

Keywords: Psychoanalysis; literature; Jenses' Gradiva.

INTRODUÇÃO

A interlocução entre a Psicanálise e a literatura tem se configurado como um campo de grandes discussões na contemporaneidade. Este trabalho faz parte de uma revisão bibliográfica da obra de 1907, onde Freud discorre e discute o conto da Gradiva, de Jensen.

O presente trabalho tem sua relevância na interlocução da pesquisa com o método psicanalítico. Psicanalistas contemporâneos (BIRMAN, 1997; MEZAN,

1998) têm ressaltado a importância da ampliação do escopo de atuação da psicanálise, a fim de problematizar e trazer para o campo clínico quanto para o campo social a atualidade da psicanálise.

Tomando como referencial científico a psicanálise e como objeto de estudo a literatura, importa esclarecer o significado da palavra “literatura”. De acordo com o dicionário Aurélio, ressaltamos as seguintes definições:

- 1- Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso.
- 2- O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época.

E por fim, devemos ressaltar outra importante significação, a de que dentro da literatura existe também a literatura comparada, ou seja, estudo comparado de duas ou mais literaturas ou tipos de literatura, com o fim de se lhes verificar as influências e inter-relações. Tal conexão entre diferentes obras é o tema proposto da presente pesquisa, com uma revisão a fim de compreender um pouco mais sobre a importância de se ter um olhar para tais obras literárias e com elas poder articular uma leitura com a teoria psicanalítica.

A partir da definição acima, passamos a não mais restringir o termo literário apenas aos contos de civilizações antigas, mas devemos entendê-lo como uma representação do comportamento humano e das significações que a cultura humana atribui ao seu tempo, a suas relações e seus costumes. Desse modo, podemos entender aquilo que Freud (1907) se propôs a estudar sobre o conto Gradiva.

Lévi-Strauss (1991), a respeito do estudo do mito, faz as seguintes considerações:

Aqui, mais uma vez, cabe ao mito, submetido à prova de análise, revelar sua própria natureza e se enquadrar dentro de um tipo; meta inatingível para o mitógrafo enquanto ele se basear em características externas e arbitrariamente isoladas. (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 14).

Por fim, neste estudo, nos propomos buscar a compreensão da expressão do sentimento humano na literatura, e demonstrar como os contos literários e também os mitos desempenham um papel fundamental para análise do sujeito e sua inserção na sociedade cultural.

UM CONTO LITERÁRIO PARA UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA: GRADIVA DE JENSEN

Iniciaremos então um breve resumo da obra de Sigmund Freud onde ele descreve sobre a importância de se ter um olhar para um conto literário ou mitológico. E a partir disso, dar vazão ao seu desejo de ampliar o espectro de ação de sua teoria do inconsciente, a qual o autor pretendeu, desde os seus primórdios, situar mais além do contexto restrito da prática clínica com neuróticos.

A psicanálise vai além das fronteiras do consultório, incidindo e tentando interferir nos mais diversos campos do saber, entre eles a literatura e a mitologia. O estudo sobre Gradiva tem a possibilidade de demonstrar essa ampliação que aborda vários conceitos psicanalíticos. Dentre eles destacam-se a repressão, que no conto está vinculado ao significado de soterramento; a escavação, que se vincula com o conceito de análise; a expansão da teoria dos sonhos e da neurose; e por fim, a ação terapêutica da psicanálise.

Gradiva foi a primeira análise de uma obra de literatura feita por Freud, a ser publicada, com exceção, naturalmente, de seus comentários sobre Édipo Rei e Hamlet em *A Interpretação dos Sonhos*, em 1900.

Foi Jung quem chamou a atenção de Freud para o livro de Jensen. Alguns estudiosos da época diziam que Freud escreveu o texto referente apenas como forma de agradar seu discípulo. Porém, o texto foi escrito em 1906, meses antes do primeiro encontro do mestre com seu futuro discípulo que o acompanharia por longos cinco ou seis anos. E foi só em 1907 que Gradiva foi publicado, e pouco depois de sua publicação, Jensen recebeu um exemplar da obra analisada pelo psicanalista Sigmund Freud.

Wilhelm Jensen foi um dramaturgo e romancista alemão que, embora respeitado, não era objeto de maior consideração. Após receber o exemplar de sua obra analisada sobre o prisma da psicanálise, Jensen deixa explícito através de cartas enviadas diretamente à Freud sua gratidão e sentimentos de aceitação referente às linhas principais da interpretação feita pelo psicanalista.

Jensen, em seu conto relata, a história de um jovem arqueólogo chamado Norbert Hanold, que descobriu em um museu de antiguidades em Roma um relevo que muito lhe atraiu, do qual conseguiu com grande prazer realizar uma

excelente cópia de gesso, que colocou em seu gabinete de trabalho numa cidade universitária da Alemanha.

Tal escultura representava uma jovem adulta cuja veste esvoaçante revelavam os pés calçados com leves sandálias. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro já flexionado para o próximo passo apoiava-se somente nas pontas dos dedos estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. Pode ser que o arqueólogo sentiu-se atraído pelo andar incomum e gracioso.

No texto de Freud (1907) está descrito que o jovem arqueólogo não podia explicar a si mesmo o que havia na escultura de Gradiva que o atraiu tanto assim, a ponto de ficar embevecido de admiração. Só sabia que fora atraído por algo e que desde aquele instante o efeito permanecera inalterado. Sua imaginação não cessava de se ocupar com a escultura. Ele a achava viva e atual, como se o artista que a esculpiu tivesse reproduzido uma rápida visão colhida nas ruas. Chamou a figura de Gradiva – a jovem que avança.

Após toda admiração ter tomado conta de seu ser, Hanold inicia uma vasta coleção de imaginações sobre a jovem que avança. Imaginou que ela era, sem dúvida, filha de uma família nobre, talvez de um edil patrício que exercia seu cargo a serviço de Ceres, e que ela estava a caminho do templo da deusa. Contudo, tinha dificuldades em situar sua natureza serena e tranqüila no clima agitado de uma capital, convencendo-se então de que ela deveria ser transportada para Pompéia, onde atravessava uma via sobre as curiosas pedras com ressaltos descobertos nas escavações que, dispostas com intervalos para a passagem das rodas dos veículos, permitiam aos pedestres conservar os pés secos nos dias chuvosos. E ainda percebeu em sua fisionomia traços gregos, e estava convencido de que a jovem tinha origem helênica. E pouco a pouco Norbert Hanold colocou todo o seu conhecimento arqueológico a serviço desta e outras fantasias relativas ao modelo da escultura.

Antes dessa ocasião especial, o arqueólogo passava pelas jovens nas ruas sem um cumprimento, porém agora devido à tarefa científica a que se propusera impelia-o na rua, especialmente nos dias de chuva, a observar ansiosamente os pés de todas as mulheres que encontrava, atividade que lhe granjeava olhares ora indignados, ora encorajadores dos objetos de sua observação.

No início, a idéia de submeter a uma investigação através de uma obra como a de *Gradiva* de Jensen era algo que parecia estranho, porém justificável. Como também falar em significações para os sonhos era algo que a ciência e a maioria das pessoas cultas riam. Apenas pessoas simples se apegavam às superstições e acreditavam que os sonhos eram passíveis de interpretação.

E apesar de toda essa reprovação, o psicanalista ousou e se pôs disposto a estudar sobre as obras literárias, com esperança de encontrar uma acolhida mais favorável ao mostrar que uma obra literária como *Gradiva* confirma muitas de suas observações clínicas.

Como já foi descrito neste trabalho, o conto de *Gradiva* não só nos desperta interesse apenas do ponto de vista da psicanálise aplicada a uma obra literária, mas também com igual importância nos remete a pensarmos no ponto de vista clínico e teórico.

Do ponto de vista clínico, de acordo com a análise que Freud (1907) propôs em cima do conto em questão, um amplo leque de sintomas é atribuído à neurose. Dentro disso podemos apreender uns destes sintomas como sendo a inibição do herói em relação às mulheres e seu delírio alucinatório episódico.

Ainda do ponto de vista clínico, Freud (1907) aponta em Hanold alguns fenômenos psicopatológicos, como a negação da realidade e a clivagem do ego. E só “20 anos mais tarde, ele designará a negação da realidade e a clivagem do ego como sendo as defesas características da psicose, distinguindo-os da repressão, que reservará a partir de então para a neurose”. (QUINODOZ, 2007, p. 89).

Em todo o momento do texto, Freud (1907) estuda os personagens de ficção como se fossem casos clínicos. Assim, podemos ver os conceitos dos sonhos, as fantasias e os delírios de Hanold sendo usados e analisados pelo mesmo método terapêutico que os sonhos e as fantasias de pacientes em análise dentro do setting psicanalítico.

Em questão dos conceitos referentes à obra de 1900, onde Freud escreve *A Interpretação dos Sonhos*, podemos identificar que quando Hanold sonha que encontra *Gradiva* em Pompéia, isso diz do conteúdo latente que este sonho se revela como realização do desejo inconsciente reprimido de encontrar a mulher amada e desejada. Contudo, sob efeito da repressão de pulsões sexuais

inaceitáveis para sua consciência, Hanold se afasta daquela que ama de verdade, Zoe, para se voltar a uma mulher mítica, Gradiva.

Com o retorno de suas pulsões sexuais reprimidas e que aparecem sob a forma de sonhos, Hanold é levado a sua viagem patológica a Pompéia em busca de Gradiva, passa a ter alucinações da presença de Gradiva e a não reconhecer Zoe, que teoricamente é a parte de realidade da sua vida, e que por questões bastante arcaicas de sentimentos de repressão ligados a uma questão inconsciente são esquecidas, ou seja, reprimidas pelo nosso herói.

Durante todo o percurso dessa patológica viagem vemos o nosso herói correr através de desvendar o mistério da jovem que avança. E foi somente após o conhecimento sobre a ligação de Zoe com Gradiva que Hanold pode dar sentido a sua busca;

Aqui vemos que Freud (1907) revela a semelhança entre o papel terapêutico do psicanalista e Zoe. Podemos ver que o tratamento consistiu em dar-lhe acesso, pelo exterior, às lembranças reprimidas que ele (Hanold) não conseguia atingir no seu interior.

O processo que o autor faz Zoe adotar na cura do delírio do seu companheiro de infância mostra, mais do que uma grande semelhança, uma total conformidade em sua essência com o método terapêutico que o Dr. Josef Breuer e eu introduzimos na medicina em 1895, e a cujo aperfeiçoamento desde então me tenho dedicado. (FREUD, 1907, p. 91).

Tal método descrito por Freud na citação acima se refere ao tratamento psicanalítico, que aplicados a pacientes que sofrem de perturbações semelhantes ao delírio de Hanold, consiste em fazer chegar a consciência, até certo ponto forçosamente, o inconsciente cuja repressão provocou a enfermidade. Exatamente como podemos ver Gradiva proporcionar o retorno das lembranças reprimidas da amizade de infância que unira Hanold e Zoé.

E como afirma Freud (1907), “ao serem identificadas as suas origens, a perturbação desaparece; da mesma forma, a análise produz simultaneamente a cura”. (FREUD, 1907, p. 91).

Dentro desse contexto literário, vemos que a semelhança entre o papel do psicanalista e Zoe não se restringe apenas em trazer o conteúdo reprimido à luz da consciência e através disso obter-se a cura de uma neurose. Não é uma tarefa

tão simples assim, para chegar a ponto de se fazer consciente conteúdos que há muito foram reprimidos por não poderem ser vivenciados. É preciso travar uma longa caminhada até chegar à estes conteúdos. E só depois disso é que podemos dizer que existiu uma cura.

Um outro conceito que devemos tratar e que aparece explicitamente no conto Gradiva, se remete ao conceito de transferência.

A transferência designa em psicanálise o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vividas com um sentimento de atualidade acentuada. (LAPLANCHE, 2007, p. 514).

E foi exatamente pela oportunidade que Hanold teve de transferir a Zoe, uma mulher real, que ele pode pouco a pouco diferenciar alucinação e realidade e assumir conscientemente seu desejo por ela, Zoé, cujo nome significa vida. E foi através dessa descoberta da significação do nome da personagem que Hanold pode perceber a ligação que Gradiva tinha com a sua amiga de infância. Em outras palavras, o latente veio à consciência e fez por sentido a viagem que o jovem arqueólogo se pôs a fazer.

Buscando um teórico contemporâneo, podemos citar Fábio Herrmann e acrescentar suas considerações a respeito do campo transferencial que acontece dentro de um consultório analítico.

Segundo Herrmann (...), o consultório psicanalítico é um lugar bastante estranho composto por um espaço físico e um espaço social, dois quais se conjugam o vínculo analista e paciente. E com esta legendária estranheza analítica, o autor afirma que um campo transferencial habita nestes dois espaços.

Ainda dentro desta idéia de estranheza, vemos que o paciente chega até o consultório de seu analista e se depara com um mundo desconhecido de si mesmo. E durante alguns minutos o analisando pode ver sua vida inteira, ou parte dela, passar pela sua frente. Sente que está em muitos lugares ao mesmo tempo, sua identidade se esfumaça e depois se condensa em formas caprichosas e imprevisíveis. “Podemos conceber o consultório psicanalítico como um desses amalucados campos de força de ficção científica, com a diferença que, em nosso

caso, existe mesmo e funciona. Funciona graças ao campo transferencial”.(HERRMANN, ... p. 28).

Portanto, segundo considerações de Herrmann (...), tudo o que o analisando quer dizer é potencialmente tratado como se fora uma vasta e bela metáfora de sua vida anímica.

Um paciente ama ou odeia durante a sessão, fá-lo de verdade, sente realmente, é uma fantasia-realidade na transferência. Talvez mude de sentimentos mais depressa que no cotidiano, pois estamos, juntos com ele, a decifrar os sentidos de suas emoções. (HERRMANN, 1991, p.29).

Tal citação explícita de maneira extraordinária a contribuição de Zoe para a cura do nosso herói arqueólogo, Hanold. Zoé se permitiu acreditar na fantasia do seu amigo de infância, e se fez Gradiva para ele. Deixando que viesse à tona os mais tenros desejos, ansiedades e delírios do jovem arqueólogo, Zoe fez com que aos poucos – assim como em uma análise – Hanold viesse por si só ter consciência de suas fantasias, se transformando então em um homem novo, o Homem Psicanalítico, “que revelará a verdade do paciente, a concatenação lógica de suas emoções, seu sentido desconhecido até então”. (HERMANN, 1998, p. 29).

CONCLUSÃO

Para conclusão deste estudo e de nossas reflexões sobre a relação da psicanálise com a literatura, gostaríamos de citar uma outra questão que nos remete a refletir sobre a importância da relação da psicanálise com o contexto cultural, as normas e princípios culturais e sociais que norteiam a criação do saber psicanalítico. E para tal, recorreremos a um conceituado psicanalista contemporâneo, Renato Mezan, que, em seus escritos, nos convida a uma viagem por todo esse contexto de real necessidade para se pensar a interlocução da psicanálise com outras linhas de estudos, no caso aqui trabalhado, a literatura.

Mezan (1998) afirma que os analistas que vieram depois de Freud deram conta de que essas regras e normas não têm apenas um papel coercitivo e privativo, mas que são também essenciais para a construção da personalidade e do funcionamento mental.

Portanto, para que a análise seja favorável ao seu uso, devemos estar atentos não só no que está amostra e debaixo de nossos olhos. É necessário olhar pelas entre linhas de um discurso manifesto e a partir daí nos dispor a uma longa escavação pelo latente. E através deste trabalho aqui apresentado, tivemos como objetivo propor ao leitor uma reflexão sobre seu atual olhar. Fica aqui então uma pergunta: para onde seu olhar te leva? Apenas para um olhar limitado a teorias prontas como manuais ou como um olhar ilimitado e aberto para além do proposto?

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: 34, 1997.

FREUD, S. **“Gradiva” de Jenses e outros trabalhos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1906-1908.

HERRMANN, F. **Uma teoria para a Clínica: a arte da interpretação**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MEZAN, R. **Psicanálise e ética**. Tempo de Mudar: Ensaio de Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUINODOZ, J. M., **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.